



HARRY POTTER E A PEDRA DA RECEPÇÃO:

LEITORES E LEITURAS DE J.K. ROWLING

Egberto Guillermo Lima Vital

Universidade Federal de Campina Grande - egberto.guillermo@gmail.com

Márcia Tavares Silva

Universidade Federal de Campina Grande – tavares.ufcg@gmail.com

RESUMO: Em sua obra *Cultura Letrada* (2006) Márcia Abreu promove reflexões bastante atuais sobre produção e circulação de livros de literatura, influências construídas a partir de um cânone acadêmico, e ainda, suportes e veículos que definem os caminhos do texto literário dentro e fora da escola. No contexto apresentado pela autora se inserem a necessidade de discussão sobre a importância das literaturas de massa no processo de formação de leitores inseridos nessa cena contemporânea de leitura literária. Da mesma forma e seguindo a mesma perspectiva, temos os pressupostos da Estética da Recepção, nas teses defendidas por Jauss e na teoria do efeito estético de Iser, que desenvolveram estudos fundantes sobre o lugar atribuído como próprio para o leitor e para construção de sentidos no texto literário. Partimos dessas perspectivas para focar o fenômeno mundial de leitura *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997) da escritora britânica J.K. Rowling. Em nosso artigo promovemos a investigação de aspectos sobre como a leitura da saga *Harry Potter* tem contribuído para ampliação dos horizontes de expectativas de crianças e adolescentes e se tornando um significativo instrumento para a concretização do Letramento Literário para além dos muros escolares. Também contribuirão como arcabouço teórico as discussões de Teresa Colomer (2003; 2007), Regina Zilberman (2012) e Rildo Cosson (2014) que ancoram as reflexões acerca do Letramento Literário e da formação de leitores literários.

Palavras-chave: Harry Potter, Cultura Letrada, Formação de Leitores.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Julgamos que estar aberto às mais diversas possibilidades de leitura aos quais seus alunos estão expostos, sobretudo em tempos globalizados e midiaticizados como os de hoje, é de grande valia para que o professor de língua portuguesa possa desenvolver práticas que façam da inserção da leitura literária em sala de aula o meio pelo qual ele possa viabilizar o Letramento Literário



desses sujeitos.

Para Colomer (2003, p 15) os produtos editoriais estão seguindo uma linha específica de produção, que se aloca em um nicho muito importante para formação literária de crianças e adolescentes, e essas produções estão no escopo de uma outra literatura infanto-juvenil, mais precisamente nas produções de ficção e da Literatura Fantástica, visto que esses materiais reverberam desde as suas primeiras experiências de leitura até a legitimação desses sujeitos como leitores assíduos que, por mais que pensemos o contrário, leem e leem muito.

A autora ainda atesta que “no estado atual da pesquisa sobre literatura infantil e juvenil parece incontestável que os estudos sobre os textos, ou sobre sua utilização educativa, tenham que ser acompanhados por parte de seus destinatários” (COLOMER, 2003, p 386), tomando o leitor e a sua recepção do texto como eixo central das pesquisas em torno da leitura, dos fenômenos de leitura e do ensino de leitura, uma vez que “ a relação entre os textos e os leitores é a origem e o centro de uma das linhas que parecem mais promissoras do progresso futuro desse campo” (COLOMER, 2003, p 386): a formação do leitor literário.

2. LETRAMENTO LITERÁRIO: NAS TRILHAS DA FORMAÇÃO DE LEITORES

Definido por Magda Soares (2003, p.90) como o desenvolvimento de competências que envolvem a língua escrita em práticas sociais inerentes a do leitor, o letramento é um processo longo e que ultrapassa a alfabetização – essa vista como um “processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever” (SOARES, 2003, p.91) – por ser um processo que se inicia muito antes de a criança ter suas primeiras experiências com a leitura propriamente dita, o letramento é um construto contínuo que se faz pela convivência e identificação com os textos presentes na rotina da criança, sejam eles escritos ou orais, o letramento, diferentemente da alfabetização, ultrapassa o âmbito técnico da escola e se manifesta diariamente em diversas perspectivas na vida do sujeito leitor.

Comungando deste conceito de letramento, Kleiman (2004) aponta dois modelos de letramentos que permeiam as práticas sociais, são eles o modelo autônomo e o modelo ideológico.

Por modelo autônomo de letramento entende-se eventos ligados às práticas escolarizadas de



letramento, que reduzem a escrita a um produto fechado em si, sem nenhuma ligação com seu contexto, como é o caso da alfabetização, esta, entendida aqui como uma das inúmeras etapas do letramento, mas não como a sua realização efetiva.

Ao enfatizar a escrita e ou leitura de maneira autônoma, há, por parte da escola, uma tendência de entender, de atribuir ao desenvolvimento cognitivo, à aquisição destas habilidades, contudo se o indivíduo não adquiriu a habilidade de leitura e escrita, não poderá desenvolver-se cognitivamente, pois o “processo de interpretação estaria determinado pelo funcionamento lógico interno ao texto escrito, não dependendo das (nem refletindo, portanto) formulações estratégicas que caracterizam a oralidade” (KLEIMAN, 2004, p. 22).

Ainda, esse modelo autônomo, separa a escrita da oralidade de forma dicotômica, bem como delega poder a tudo que estiver ligado à escrita, ou seja, aqueles que não dominam a língua escrita estão sempre à margem da sociedade.

Quando a escola, segundo Jung (2009), adota este modelo autônomo de letramento termina colocando toda a culpa do fracasso escolar no indivíduo, uma vez que

o indivíduo não aprende a escrita porque pertence ao grupo de pobres marginalizados. Este modelo não é questionado pela sociedade. As pessoas constroem uma fé nos poderes do letramento escolar e, a partir dele, consideram-se incapazes de aprender. (JUNG, 2009, p.85)

A escola é a porta de acesso para uma vida melhor, possibilitando ao indivíduo a chance de modificar seu status social, pois enquanto não se apropriar da leitura e da escrita estará sempre a margem da sociedade e representará um fracasso dentro da escola.

Em contrapartida, o modelo ideológico de letramento compreende que “todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade” (KLEIMAN, 2004, p. 38), isto é, todas as práticas de letramento são determinadas cultural e socialmente, referindo-se a uma dimensão maior de significados que a escrita passa a assumir dependendo do contexto em que esteja inserida.

Eis que o letramento literário se localiza, prioritariamente dentro deste conceito de modelo



autônomo de letramento, uma vez que é uma função da escola introduzir a literatura na vida cotidiana do aluno quando, talvez, seja ela a única possibilidade de o aluno vivenciar a literatura em sua vida.

Segundo Zilberman (2012, p. 130), “a criança fica exposta igualmente ao letramento literário, já que desde pequena é iniciada ao universo da fantasia, que lhe aparece por meio da escuta de histórias” que se manifestam das mais diversas formas e situações, desde um conto-de-fadas contado pela mãe antes de dormir até o desenho animado que a criança vê na TV, desse emaranhado de referenciais ficcionais é que surge o interesse pela leitura de textos que se identificam com essas outras formas com as quais a criança conviveu ainda no processo de aquisição da leitura.

Desta feita, “a admissão ao mundo da leitura depende e ultrapassa a alfabetização e o letramento” (ZILBERMAN, 2012, p. 130), é necessário que o leitor conheça os códigos de sua língua para ter domínio das técnicas de leitura e escrita, no entanto é imprescindível que ele tenha contato com esse universo fantástico e ficcional para multifacetar o seu repertório leitor, por meio da identificação dos referenciais orais, escritos e visuais que o levam a selecionar o tipo de leitura que fará à posteriori, “o letramento literário se efetiva quando acontece o relacionamento entre um objeto material, o livro, e aquele universo ficcional, que se expressa por meio de gêneros específicos” (ZILBERMAN, 2012, p. 130) determinados pelas escolhas feitas antes mesmo da alfabetização.

Cosson e Paulino (2009, p.67) definem letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Contudo, o letramento literário não deve ser considerado somente como “estudo das práticas sociais de leitura do texto literário ou, como tem se tornado ponto comum, os usos sociais ou público da leitura de escrita literária” (ZAPPONE, 2008, p.53).

É importante que se entenda o letramento literário como um processo pelo fato de estar em constante transformação, pois não é algo que se adquire de forma pronta e acabada que começa e finda dentro da escola, mas é uma aprendizagem que se renova a cada leitura feita. O que está em jogo, portanto, é a apropriação das condições de leitura, principalmente, ao considerarmos que não há um único significado para o mesmo texto, mas significados que são movidos pelas condições e objetivos que permitem essa apropriação.



Cosson (2009) afirma que o que faz do letramento literário um tipo singular dentre outros é o poder de interação verbal trazido pela sua apropriação, bem como a possibilidade de vivenciar o outro, de se (re)conhecer a partir da experiência vivida através da literatura, isto é, o contato com o texto literário é capaz de transformar a visão que o leitor tem da sua realidade.

Portanto, privar ou limitar o acesso do aluno ao texto literário em sala de aula é impedi-lo de experimentar outras formas de ver o mundo, senão aquela apresentada a ele através da janela. Sendo o letramento literário “compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade” (ZAPPONE, 2008, p.53) tem-se, pois, no texto literário um campo extremamente fértil para a formação do leitor literário.

Cabe, portanto, ao professor de Língua Portuguesa efetivar o Letramento Literário em sala de aula visando a identificação do aluno com o que ele está lendo partindo de suas escolhas pessoais e da identificação com os universos ficcionais aos quais ele está exposto, explorar as leituras do aluno é a melhor forma de levá-lo a identificação com outras leituras que, até então, estavam distantes de sua realidade.

A sala de aula representa assim o papel de regulador. Ela é o espaço intersubjetivo onde se confrontam os diversos “textos de leitores”, a fim de estabelecer o texto do grupo, objeto se não de uma negociação, ao menos de um consenso. A presença da turma é essencial na formação dos jovens leitores: lugar de debate interpretativo (metamorfose do conflito de interpretação), ela ilumina a polissemia dos textos literários e a diversidade dos investimentos que autoriza. (ROUXEL, 2013, p.23)

Essa mediação deve ser feita de forma que leve o aluno a perceber os diálogos existentes entre as obras que lê e as obras que o professor busca propor para leitura, é um processo demorado e que demanda as trocas e interação entre aluno e professor para que a leitura em sala de aula não se torne uma imposição para a obtenção de notas, mas que prima pelo vislumbre estético do texto literário em sua plenitude, uma vez que “a leitura literária ‘não obrigatória’, que fazemos por vontade própria, promove antes de tudo uma identificação e é geralmente vivida subjetivamente pelos leitores” (REZENDE, 2013 p.108), o leitor real é aquele que consegue vivenciar o que lê, deve-se despertar no aluno um leitor que busca, como afirma Umberto Eco (2000, p.17), “ler de mil maneiras”, que se utiliza do texto como um “receptáculo de suas próprias paixões” para, assim,

vivenciar a plenitude da leitura.

3. HARRY E A PEDRA DA RECEPÇÃO: LEITORES E LEITURAS

Falar de Harry Potter é, portanto, discutir acerca de um fenômeno de leitura que vem formando leitores assíduos e proficientes desde o final do século XX e início do século XXI, tendo o seu primeiro exemplar (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*) publicado em 1997, a obra da autora britânica J. K. Rowling, divide-se em sete livros que contam a saga de um jovem órfão e suas descobertas no mundo fantástico da magia. Os livros se tornaram best-sellers e angariaram fãs no mundo inteiro, principalmente depois de sua adaptação para o cinema. Harry Potter já se tornou um clássico da contemporaneidade e continua a atravessar gerações conquistando novos leitores, mesmo com quase vinte anos passados desde a sua publicação.

O enredo inicia-se com a chegada de Harry ainda infante à casa de seus tios maternos após a morte de seus pais, assassinados pelo terrível bruxo das trevas Lord Voldemort (Você-Sabe-Quem). Harry, criado por seus tios, rejeitado e relegado a míseras condições de sobrevivência, posto abaixo do seu primo e criado como um capacho invisível, sempre visto como uma aberração para a família. Criado em um seio tradicionalmente londrino, que presa pelas “normalidades”, os tios esconderam de Harry as suas reais origens mágicas, o condicionado a um meio normativo. O menino cresce sem afeto e sem carinho, sempre condicionado a seguir as regras e valores impostos pela sua família, se anulando enquanto sujeito.

Como estratégia de adequar Harry aos padrões morais daquela sociedade, seus tios o inserem em uma escola que reproduz esses pressupostos – uma escola de trouxas, termo que no contexto do mundo da magia classifica as pessoas que não possuem poderes mágicos, além de representar os sujeitos que negam para si a existência do fantástico, do que está além do “normal” –, uma vez que a necessidade é a de adestrar Harry Potter de maneira a fazê-lo totalmente distante da realidade que lhe é intrínseca.

Harry, então, entra em contato com as primeiras experiências escolares, vivenciando conflitos, perseguições, preconceitos, geralmente incitados pelo seu primo, e essas experiências fazem aflorar seus instintos mágicos, até então latentes, como mecanismos de fuga e defesa, ao



perceber a recorrência de eventos estranhos, Harry nota que há algo de diferente em si que os outros não percebem.

Às vésperas de completar seus onze anos, Harry recebe as estranhas “cartas de ninguém” (ROWLING, 2000, p.32), entregue por uma coruja e endereçada diretamente a ele – “Sr. Harry Potter. O Armário sob a Escada. Rua dos Alfeneiros 4. Little Whinging. Surrey” (ROWLING, 2000, p.34). Tais cartas provocaram nos demais membros da família um sentimento de pânico e repulsa, o que os levou a saírem mudando de endereço continuamente, em uma tentativa de fuga, pois “os estranhos encontraram o menino”.

Nessas mudanças eles vão parar em um casebre num rochedo no meio do mar, lugar improvável de ser encontrado por alguém, no entanto Harry recebe a inusitada visita do gigante Rúbeo Hagrid, “Guardião das Chaves e das Terras de Hogwarts” (ROWLING, 2000, p.46), neste encontro, que acontece justo no dia de seu aniversário, Harry tem a revelação de que não pertence ao mundo dos trouxas e de que tanto ele quanto os seus pais são muito famosos no mundo da magia. Finalmente recebe, das mãos do gigante, a tão esperada carta.

A partir dessa extraordinária experiência, Harry envereda pelo mundo da magia, em que suas mais fantasiosas facetas serão descobertas e muitas respostas a questões, até então insolúveis, lhe serão dadas.

Bem como aconteceu na escola dos trouxas, Harry encontra em Hogwarts adversidades e rejeições, que o levam a questionar o seu real papel naquele contexto. Para compreender o sentido dos seus dons, o menino começa a estudar e aprofundar-se nas questões inerentes à magia a partir de teorias “científicas”, concomitantemente ele passa a descobrir detalhes da sua vida que haviam sido ocultados pelos seus parentes. Esse estudo, por sua vez, auxiliará o jovem bruxo a enfrentar os novos conflitos que esse universo escolar o trará.

É com esse universo escolar, de mudanças e transformações, em que a literatura se volta novamente para o público infantil e esse nicho se torna algo importante para o mercado editorial mundial, que as crianças da virada do século passaram a se identificar e buscar por mais leituras, foi por meio da identificação e da preponderância de um universo identitariamente infantil e próprio dessa geração, que J.K. Rowling, com seu Harry Potter, inaugura um divisor de águas na história da literatura universal.

Para Colomer (2007, p.11), “os livros infantis ‘constroem o seu leitor’, quer dizer, que se



situam à altura das crianças, levam-lhes a atuar como leitores literários e os introduzem em possibilidades de leitura cada vez mais amplas”, fenômeno diferente não acontece com os leitores de J.K. Rowling, se pensarmos no acaso Harry Potter e no contexto histórico em que ele se realiza, a virada do século XX para o XXI, além disso, temos uma virada de milênio, marcada por diversas teorias de fim de mundo, o *boom* de leitura que marca com profundidade os anos 90/2000 com a preponderância da leitura de narrativas ficcionais e fantásticas na formação de leitores literários.

As produções literárias desse momento, no entanto, além de figurarem um evidente fenômeno de leitura, tornaram-se grandes fenômenos editoriais de venda, o que talvez tenha sido o fator preponderante para o distanciamento da escola desse tipo de leitura que, por mais que tenha conquistado um número quase que incalculável de leitores ao redor do mundo, ainda é vista pelo viés dos juízos de valor da crítica que vê em best-sellers como Harry Potter, um empobrecimento da literatura, tudo isso baseado em purismos que privilegiam uma literatura canônica e escolarizada, a qual ainda é leitura obrigatória em várias escolas pelo mundo e que se coloca como o contrário da leitura realizada fora da sala de aula.

Essa leitura que ultrapassa os muros escolares, por sua vez, se realiza por meio de uma literatura que passa a ser vista, por parte dos seus usuários, como “um bem social que se escolhe segundo os interesses pessoais de cada um e que é suscetível de produzir uma satisfação imediata” (COLOMER, 2007, p.23), e ao mesmo tempo prolongada, uma vez que é perceptível que esses leitores não se contentam e ler esses livros uma única vez e os deixar nas prateleiras empoeiradas, pelo contrário, essa leitura é tão satisfatória que eles fazem questão de reler seus livros e construir novos e intermináveis significados a cada leitura, bem como, promove a busca incessante por novos títulos que contemplem e/ou rompam com seus horizontes de expectativa. “Esse fenômeno dinamitou a antiga função da escola de transmitir um *corpus* literário nacional, limitado, ordenado e valorizado segundo uma tradição uniforme, essencialmente literária” (COLOMER, 2007, p. 23).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que o ensino sistemático de literatura através dos séculos, tal qual ainda é institucionalizado nas escolas, que busca nessa estrutura ainda calcada nos ideais linguísticos, morais e culturais, tomando o texto literário como suporte ou pretexto para o ensino da língua materna, “não significa, no entanto, que os alunos tenham se dedicado a ler obras literárias nas aulas, nem que a literatura lida fosse adequada à sua capacidade e interesse” (COLOMER, 2007, p.15).



Se pensarmos nas leituras literárias propostas em salas de aula, sobre tudo no Ensino Médio, já que a leitura desse tipo de textos ainda é distante do Ensino Fundamental, nos deparemos com indicações que privilegiam um cânone baseado em obras que se distanciam demais do contexto social, histórico e cultural dos jovens atualmente e, mais problematicamente ainda, essas leituras são propostas por meio da imposição de um professor que busca aferir notas por meio de avaliações que, muitas vezes, em nada refletem o vislumbre estético do texto lido, ou sequer levam em consideração o desejo do aluno por aquela leitura e, muito menos, a sua identificação com os textos que ele lê fora da escola – muitas vezes os professores sequer sabem que seus alunos são leitores.

Afim de refletir sobre o contexto atual de leitura, e tomando a obra *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e seus leitores como objeto de análise, foi realizado uma sondagem virtual em uma página do Facebook, que trata de temas diversos, dentre estes a leitura é um dos focos de debate, em as pessoas foram impelidas a responder a fazer um breve relato da experiência leitora com a obra, em que deveriam responder aos seguintes questionamentos: como a obra interferiu na vida desses leitores? Quais outras obras literárias eles passaram a ler depois de Harry Potter? E se a experiência com Harry Potter influenciou nas novas escolhas de leitura.

A proposta, era, então, mapear que tipo de leitor foi formado após a leitura da obra em questão, levando em consideração que esses leitores conheceram o livro logo na sua primeira edição publicada no Brasil ou tiveram acesso posteriormente às adaptações cinematográficas que massificaram a obra de J.K. Rowling, analisar como esses leitores avaliam a sua importância no processo de maturação leitora passados vinte anos da sua publicação e se eles se valiam como leitores literários propriamente ditos.

Em sua maioria, os relatos evidenciaram um sentimento muito próprio desses leitores em relação à obra, para muitos deles, essa foi a leitura mais significativa feita na infância, visto que os que responderam às provocações relataram ter por volta de 10-12 anos no momento em que se depararam com o texto rowlinguiano, e que essa leitura foi realizada concomitantemente às leituras propostas pela escola ou às leituras que já faziam previamente em casa, muitas vezes pelas indicações de algum parente.

Dentre os relatos fizemos alguns recortes e decidimos analisar algumas categorias marcantes, uma delas, é o efeito catártico dessa obra sobre seus leitores:

Eu conheci o Harry Potter aos 12 anos de idade. Os meus pais haviam se separados 02



anos atrás e pouco depois eu comecei a ter indício de depressão devido ao que aconteceu. Uma amiga de escola me emprestou o livro dela e disse que aquilo iria me ajudar e melhorar meu humor. Eu comecei a ler os 04 primeiros capítulos de A Pedra Filosofal arrastando. Não conseguia me concentrar em nada, Pq meus problemas eram todos canalizados. Mas depois de uma certa parte do livro eu engatei e terminei em 02 dias. Não tinha o hábito em ler, mas fiquei doido querendo começar A Câmara Secreta. Harry Potter despertou em mim um desejo pela leitura que eu não tinha. Talvez Pq aquela época não havia literatura juvenil. Ou era tudo infantil ou tudo adulto. Além da leitura, eu comecei a aprender e também a reforçar em mim muitas coisas sobre a vida. É uma saga que ensina muito sobre o amor, a amizade, a lealdade e os objetivos que uma pessoa tem. Tenho muito orgulho em dizer que sou fã. As vezes eu me encontro em situações que fico confuso e penso como seria aquilo na saga, ou lembro de algo que aconteceu na saga e foi semelhante ao que está acontecendo no momento. (Relato de Herbert Hourri)

[...] Eu sempre fui uma criança que gostava muito de ler, mas com certeza Harry Potter deu um estímulo maior. Hoje eu vejo isso com muita clareza. Eu procuro em outros livros uma história tão boa quanto aquela, é isso que a JK Rowling fez com uma geração. Estimulou a vontade nossa de vermos coisas boas. Sem contar que a saga fez minha visão de mundo. Muitos podem discordar, mas se hoje eu tenho os dois pés na esquerda e na militância, a culpa é dessa mulher. Eu a vejo como uma revolucionária que colocou seus personagens mais inteligentes como aqueles que mais tinham vontade de mudar o mundo e protagonizar as minorias. A principal crítica social é feita a partir da Hermione, uma menina que sofre preconceito e mostra sutilmente que, por isso, vê que é necessário lutar contra outros tipos preconceito e o abuso que ela não sofreria. Mostrou como uma minoria deve apoiar a outra. E é por isso que eu amo essa saga. Porque ela me fez ser quem eu sou. (Relato de Matheus Jacques de Oliveira)

Sabemos da capacidade da literatura em conferir humanidade ao homem, que nela busca se representar e ser representado, como propõe Antônio Cândido, em *A Literatura e a Formação do Homem*, nesse sentido é nítido que a leitura de Harry Potter tem contribuído para ampliação dos horizontes de expectativas de crianças e adolescentes e se tornando um ótimo instrumento para a concretização do Letramento Literário para além dos muros da escola, bem como, tal obra tem refletido diretamente na formação moral, ética e ideológica dos seus leitores, o que, na visão de Jauss (1979) se realiza por meio da *katharsis*.



“De acordo com esta explicação de caráter estético-recepcional, reúnem-se, o prazer estético”, aqueles meninos e meninas de 10 ou 12 anos liam, e ainda leem, Harry Potter pelo simples prazer que a leitura do texto lhes proporciona, “um efeito perfeitamente sensível”, já que a obra adentra e toca o âmago existencial daquele sujeito em formação (ou ampliação) leitora, “e um de ordem intelectual”, que se concretiza no sujeito formado após a leitura e recepção do texto, um sujeito que encontra na literatura o fator humanizador que ela pode lhe conferir. Notadamente, “a experiência estética não se esgota em um ver cognoscitivo (*aisthesis*) e em um reconhecimento perceptivo (*anamnesis*)”, ela se prolonga, se estende ao/com o leitor que “pode ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa” (JAUSS, 1979, p.65).

Desse modo, podemos afirmar que essa construção identitária e ideológica desses leitores, se realiza por meio de uma vivência que o campo da psicologia vai denominar de *experiência vicária*, reação essa que se dá por meio de sensações e emoções vividas a partir da observação das experiências de outrem, tal situação não poderia acontecer diferente na literatura e a na interação entre texto e leitor, para Michele Petit (2008, p.38) “nós pensamos somente a partir daquilo que nos é lançado por outros”, nesse sentido, é a partir das vivências das personagens da saga que esses leitores buscam a solução de problemas e respostas a inquietações quais são acessadas por meio da identificação.

Essa relação catártica dos leitores com Harry Potter contempla a proposição de Candido (2004, p. 179) quando afirma que “as produções literárias, de todos os tipos e níveis, satisfazem as necessidades básicas do ser humano, sobretudo, através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e nossa visão de mundo”.

Aproveitando esse gancho, partimos para a análise de outra categoria, a do leitor maduro, que se configura por meio da experiência de leitura que foi promovida após suas experiências com Harry Potter:

Conheci o Harry Potter assim que saiu. Ninguém conhecia ainda. [...] Eu tinha 12 anos e mentiria se dissesse que o Harry Potter me introduziu o hábito da leitura. Eu sempre li muito, mas aos 12 anos estava perdendo o gosto porque eu não queria mais ler livros infantis e ainda não tinha maturidade para os adultos. O mercado infanto-juvenil era muito restrito na época, tinha pouca coisa. Os da série Vagalume e do Pedro Bandeira



eu já tinha lido aos 9, 10 anos. Com 12, eu queria algo a mais e não existiam essas opções de títulos. Tudo o que existia para uma pré-adolescente eram romances água-com-açúcar, mas considerando que eu ainda brincava de boneca, esses livros não me atraíam de jeito nenhum. Eu cresci lendo *Assassinato no Avião da Meia Noite* e *O Pequeno Vampiro*, meu interesse em ler sobre casal apaixonado era nulo. O Harry Potter chegou na minha vida nesse momento e sem dúvidas é o grande responsável por eu ainda gostar de ler, já que além de ter me prendido como leitora, abriu o mercado para essa faixa etária”. (Relato de Paula Kotouk)

O relato acima revela uma leitora que já fora introduzida no hábito de ler desde muito jovem, antes mesmo da chegada de Harry Potter, Paula já havia feito outras leituras e lidado com o universo da literatura por meio dos textos infantis que o mercado editorial disponibilizava na época que por muito tempo ditou os fenômenos de venda e leitura no Brasil, um exemplo são os livros da Coleção Vagalume que desde os anos 70 vinha ganhando força e angariando leitores, perdendo parte dessa forte presença nos anos 90, no entanto, Paula nos apresenta um dado importante ao afirmar que Harry Potter foi um dos grandes responsáveis por hoje ela ainda gostar de ler, uma vez que o mercado de livros infantis estava em defasagem no final dos anos 90, podemos inferir que o lançamento de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, então, oxigenou esse nicho, cativou e conquistou leitores que aos poucos estavam perdendo o hábito da leitura por falta de acesso aos livros que fossem condizentes com aquela faixa-etária.

Seguindo o relato, ela reafirma a potencialidade dessa obra na construção de um repertório vasto de leitura, uma vez que ao ter seus horizontes de expectativas superados, essa leitura promoveu, entretanto, o despertar de um leitor que estava adormecendo:

Logo li outros que surgiram ao mesmo tempo, como o do *Artemis Fowl* (li só o primeiro), um cujo nome não me lembro (posso procurar) que os críticos diziam que a JK Rowling tinha plagiado, os do *Sherlock Holmes* (amo *O Cão dos Baskerville* até hoje, li nessa época)... No ano seguinte eu já tava mais madura nesse aspecto, lembro de ter lido *O Xangô de Baker Street* para o colégio (didatismo, sqn) e fui emendando com outros do gênero, até hoje um dos meus estilos de leitura favoritos. (Relato de Paula Kotouk)

Fica nítido nas afirmações supracitadas que a leitura de Harry Potter promoveu o



amadurecimento desse leitor, que não se contentava mais apenas com a leitura do livro de J.K., mas sentia a necessidade de ler outras coisas que estavam dentro do gênero da ficção e da fantasia. Coisa semelhante aconteceu com outros leitores que deixaram seus relatos, como podemos conferir abaixo:

Peguei o primeiro livro para ler, lascou tudo! Curti e sai lendo os outros, comprei todos, depois da Saga HP cai na tentação de ler Dan Brown com o sucesso "Código da Vinci" e gostei muito, sai comprando e lendo os outros dele, daí pulei pra Paulo Coelho. (Relato de Zingo Schineider)

Eu li Jogos Vorazes por causa de Harry Potter (me fez querer ler essas coisas de saga meio juvenil). E li a saga Crepusculo também por causa do ator. Mas isso é na questão "direta" né, pq todos os livros que eu leio agora são por causa do amor que peguei pela leitura. E isso quem me deu foi HP." (Relato de Matheus Jacques de Oliveira)

Harry Potter foi para essas pessoas, enquanto crianças, um fio condutor entre eles e a literatura, se manifestando de várias formas e por várias motivações diferentes, o texto de J.K. vem se confirmando com uma das obras que mais contribuíram e continuam a contribuir para a afirmação do Letramento Literário desses jovens.

Outro dado interessante a ser apontado no relato de Paula Kotouk, é que é a obra propiciou uma maturação desse leitor não só no nível de se buscar ampliar seus repertórios de leitura ou de manter esse hábito vivo, o convívio com Harry Potter pode ter levado esses leitores a desenvolverem capacidades suficientes para analisar de forma crítica o caráter estético de uma obra, percebemos isso quando ela diz:

Como eu disse, sem dúvidas o Harry Potter é o responsável por eu gostar de ler ainda, mas os livros que li "na aba" dele, como influência, foram poucos. Hoje em dia eu acho os primeiros livros muito infantis, não são exatamente mais o tipo de leitura que eu busco, mas a saga inteira me fez crescer sem preconceito com livros. Não importa para qual faixa etária ele é escrito: se a história parece boa, por que não conhecer? (Relato de Paula Kotouk)



Percebemos um leitor com subsídios suficiente para reconhecer um dado estético que diferencia um texto escrito para um público infantil de um outro escrito para um público jovem ou adulto, nesse momento podemos perceber que houve um rompimento dos horizontes de expectativa desse leitor, que não acha mais interessante uma leitura que atenda aos seus horizontes de expectativa, mas quer ser sempre surpreendido e superado ao ler um texto, podemos dizer que Harry Potter foi responsável por esse processo de maturação de um leitor que além de ler, preenche os vazios do texto.

Um leitor que, por exemplo, adquiriu total capacidade de identificar intertextos e referências do Harry Potter em outras leituras, como podemos perceber a seguir:

A propósito, li Percy Jackson depois de grande e apesar das diferenças, é a saga que mais se parece com Harry Potter. São muitas as semelhanças: um menino de 11 anos descobre não ser um humano normal, é enviado a uma instituição para crianças como ele, ele é o lendário sem nem saber que era, os poderes dele são especiais, ele sai nas missões com uma amiga muito inteligente que sabe tudo sempre e quem salva ele de tudo (e mesmo assim é ele quem leva o mérito), há ainda outro amigo com quem ele se identifica mais e que o mundo mágico dele porque sempre vive nele, o vilão está separado em várias partes e na iminência de voltar, o medo desse retorno, a ameaça desse vilão tomar o poder... Eu poderia estar falando tanto do Harry Potter quanto do Percy Jackson com isso. (Relato de Paula Kotouk)

Essa capacidade de identificar esse diálogo entre dois textos diferentes é um dado que nos confirma que esse leitor de Harry Potter, que leu Percy Jackson depois de adulto, nos comprova o valor da obra de J.K. Rowling em formar leitores proficientes e experientes, um leitor que consegue superar o texto porque consegue perceber nele as estruturas arquitextuais que o compõem, é um leitor formado por memórias literárias, que reconhecem o dado estético porque acumulou, por meio das suas experiências de leitura objetos suficientes para ler além da decodificação, mas pelo vislumbre estético do texto literário, e esse leitor foi formado, em sua maioria, a partir da leitura de Harry Potter.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo percursos e relações diferentes com seus leitores, a saga Harry Potter vem se



afirmando como um dos textos que mais promoveram a leitura nos anos 2000, saltando assim do *status* de um mero fenômeno editorial para um verdadeiro fenômeno de formação de leitores, promovendo o Letramento Literário de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Desse modo, cabe à escola transgredir os muros do cânone e voltar o olhar para as leituras individuais dos seus alunos, é nítido que esses sujeitos são leitores, e bons leitores, ou pelo menos essa literatura formou bons leitores, “é importante também propor obras das quais eles extrairão um ganho simultaneamente ético e estético, obras cujo conteúdo existencial deixe marcas” (ROUXEL, 2013, p. 24), podemos apreender de alguns dos relatos apresentados que esses leitores da *geração Harry Potter* não se contentam apenas com leitura que estão no entorno das obras de Rowling, é notável que a leitura dessa saga foi crucial para formação de uma geração de leitores que entendem a leitura como um acontecimento e como uma porta de entrada para outras leituras e até mesmo dos clássicos, quando não, serviu de manutenção para o hábito de leitura que outrora fora deixado de lado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: histórias. Teoria e análise. São Paulo: Quiron, 1987.
- COELHO, Nelly Novaes. Panorama Histórico da Literatura infanto-juvenil: das origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo. São Paulo: Ática, 1991.
- COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.
- COLOMER, Teresa. Andar entre livros. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. Letramento Literário: teoria e prática. 2ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e katharsis. In: A leitura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JUNG, Maria Neiva. Letramento: uma concepção de leitura e escrita como prática social. In: BAGNO, Marcos et al. Práticas de letramento no ensino: leitura, escrita e discurso. 2ed. São Paulo: Parábola, 2009. P.79-104.
- KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.p.14-61.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil: história e histórias. São Paulo: Ática, 1994.
- PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING (org.). Escola e Leitura: Velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global. 2009.p.61-79.
- ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.), Leitura de Literatura na Escola. São Paulo: Parábola, 2013.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.), Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.

VITAL, Egberto Guillermo Lima; DUARTE, Vanuza Batista da Costa. A leitura de best-seller em sala de aula: o que pensam os professores?. In: Anais Eletrônicos do IX Seminário Nacional Sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e Literatura, realizado pela Universidade Federal de Campina Grande no ano 2015. Disponível em: <http://www.selimel.com.br/>.

ZAPPONE, Mirian H. Yaegashi. Modelos de letramento literário e ensino de literatura: problemas e perspectivas. In: Revista Teoria e Prática da Educação, v.11, n1, p.49-60, jan./abr.2008.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino de Literatura. Curitiba: InterSaberes, 2012.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br